

Um show pornô na universidade: Discursos e tensões em torno de uma performance pós-pornô¹

Laura Milano²

Tradução: Rosângela Fachel de Medeiros³
e Victória Lunardi Bauken⁴

Resumo: Em 2015, uma intervenção performática pós-pornô realizada na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires (UBA) causou um alvoroço midiático que fez com que essas práticas artístico-políticas saíssem, por alguns dias, do espaço *underground* transfeminista para estampar as capas dos principais jornais da Argentina. Este artigo analisa as formas como esse acontecimento midiático foi criado a partir de uma leitura da performance como um evento pornográfico e obsceno, ao mesmo tempo em que busca problematizar as tensões simbólicas articuladas em torno a esse evento e à sua forma de intervir sexualmente no espaço público universitário.

Palavras-chave: pós-pornô; UBA; mídia; sexualidades; performance

¹ A versão original deste artigo, em espanhol, "El show porno en la universidad: Discursos y tensiones en torno a una performance posporno". foi publicada em: Con X, (9), e049, 2023.

<https://doi.org/10.24215/24690333e049>

² Autora do texto original em espanhol. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires (UBA) e professora em Ciências da Comunicação na mesma instituição. Autora do livro *El dedo en el porno. R/Goces entre teoría, feminismos y pornografía* (Editorial Madreselva, 2021) e *USINA POSPORNO: disidencia sexual, arte y autogestión en la pospornografía* (Título, 2014). Organizadora de diversos eventos culturais dedicados à pornografia e ao feminismo, tanto em Buenos Aires quanto em outras cidades da América Latina e Espanha. Email: lauramilano3005@gmail.com

³ Tradutora do texto ao português. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora visitante do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). Email: rosangelaFachel@gmail.com

⁴ Tradutora do texto ao português. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), Email: victoriabauken18@gmail.com

Até meados de 2015, ações performáticas pós-pornô em espaço público tinham, na Argentina, uma visibilidade limitada e quase sempre restrita à cena cultural em que circulavam. Mas, em julho de 2015, uma performance realizada nos corredores da Faculdade de Ciências Sociais (FSOC) da Universidade de Buenos Aires (UBA) causou tanto alvoroço midiático que fez com que – por alguns dias – o pós-pornô saltasse do espaço *underground* transfeminista para as capa dos principais jornais, tornando-se a notícia mais comentada pelos canais de televisão do país. Apenas alguns minutos depois de ter acontecido, imagens da performance já circulavam pelas redes sociais virtuais e a *hashtag* #FSOC⁵ chegou a ser *trending topic* no Twitter. Durante vários dias, os meios de comunicação retomaram o evento e o converteram em um acontecimento midiático, impactando as transmissões vespertinas e matutinas dos noticiários com algum arquivo visual sobre a performance.⁶

A repercussão midiática da performance pós-pornô na Faculdade de Ciências Sociais da UBA nos colocou frente a vários questionamentos: que significados a respeito da sexualidade dissidente circulam quando o pós-pornô chega à agenda pública? O que acontece quando uma performance pós-pornô realizada em espaço público é lida pejorativamente pelos meios de comunicação como um ato pornográfico? Por que a exibição de certos corpos e práticas em espaço público gera tanto desconforto e repulsa? Podemos falar em espaços certos ou errados para a sexualidade, sobretudo, se falamos das expressões sexo-dissidentes?

Neste artigo analisam-se as formas como a leitura da performance enquanto ato pornográfico e obsceno foi utilizada para a criação do acontecimento midiático, ao mesmo tempo em que se busca problematizar as tensões simbólicas articuladas em torno a essa performance e à sua maneira de intervir sexualmente no espaço público

⁵ A *hashtag* #FSOC remete à abreviatura com que se nomeia a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires (UBA).

⁶ A repercussão midiática da ação pós-pornô na Faculdade de Ciências Sociais nos noticiários de televisão pode ser conferida no vídeo compilado pela autora, "Pós-pornô: o povo quer saber de que se trata" (Milão, 2016), disponibilizado em sua conta no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=q2iWyED16a8>

universitário. No que diz respeito à metodologia, realiza-se uma análise semiótica do *corpus* de matérias jornalísticas⁷ que foram publicadas em diversos meios de comunicação (impressos e digitais) e em sites de notícias (Clarín, La Nación, Perfil, Página/12, Infobae, Tiempo Argentino, Crónica, La Prensa, Diario Popular, MUY, Noticias e Anfibia) argentinos, durante os dias posteriores à performance, a fim de explorar o modo como foram construídas as notícias e o tipo de leitura que se realizou sobre o pós-pornô. Para isso, apresenta-se, em primeiro lugar, a construção da performance como um acontecimento jornalístico no qual coexistem o escândalo, a obscenidade, o crime e o apelo à ordem. Em segundo lugar, recupera-se o debate acerca do caráter artístico por meio das vozes de especialistas convocadas pela imprensa. Por último, analisam-se os memes que permitem pensar como o acontecimento do *show pornô*⁸ serviu para entrecruzar humor, política (intra e extra universitária) e meios de comunicação.⁹

ABC pós-pornô

Desde as margens da produção cultural autogestiva, as práticas e as produções pós-pornô emergem como uma das estratégias trans-feministas que busca gerar – por meio da linguagem performática e audiovisual – um discurso desobediente aos sistemas de representação dominante da pornografia (Sentamans, 2013; Eganha Rojas, 2017; Preciado, 2008; Smiraglia, 2016). A aposta do pós-pornô é reformular as representações hegemônicas da sexualidade, apropriar-se do discurso pornográfico e desafiar as

⁷ A totalidade das notícias e matérias analisadas para a elaboração deste artigo é detalhada nas referências.

⁸ Este foi o nome fantasia que alguns meios de comunicação usaram para se referir à ação pós-pornô na Faculdade de Ciências Sociais da UBA e gerar uma saga midiática em torno ao tema.

⁹ É preciso esclarecer que fiz parte da organização da ação performática aqui analisada e que participei dela junto com outras/os ativistas da cena local e do coletivo Espanhol PostOp que se encontrava na Cidade Autônoma de Buenos Aires por conta da primeira Bienal de Performance, realizada entre 7 de abril e 7 de junho de 2015. Nesse sentido, o relato da performance e a análise de suas repercussões não pretende omitir minha participação no evento aqui apresentado. Pelo contrário, o lugar desde o qual tentarei problematizar a reação do público e o tratamento da mídia é atravessado por minha própria experiência.

fronteiras do público/privado; em uma profunda interconexão entre o pessoal e o político, a vida e a arte, a teoria e a práxis. Nesse sentido, é uma estratégia de resistência "à regulação normativa da performance que se faz passar pela verdade natural do sexo" (Flores, 2013, p. 299). O pós-pornô não quer censurar e proibir a pornografia, mas sim, gerar outro repertório de imagens e de narrativas, que possa produzir gozo erótico desde corporalidades, identidades e experiências sexuais fora da norma heterossexual e da lógica binária; ao mesmo tempo em que tenta criar um debate sobre a sexualidade, como um gesto ativista queer/dissidente. Como afirma Romina Smiraglia (2016), "ao invés de renunciar à possibilidade da representação da sexualidade, tomam o dispositivo pornográfico de assalto e desafiam a imagem que a indústria pornográfica construiu da nossa sexualidade ao longo dos anos" (p. 320). A partir desta apropriação, ativistas e artistas habilitam novas representações da sexualidade, que podem falar de agenciamentos eróticos-afetivos fora da heteronormatividade - de corporalidades diversas, de órteses e próteses caseiras, de dildos móveis, de gozos periféricos - que superam e expandem o sexo para além da genitalidade.

O pós-pornô nasce no início dos anos 2000, no âmbito dos debates trans-feministas e das novas políticas de representação sexual na Espanha (Egaña Rojas, 2017; Sentamans, 2013), mas rapidamente começou a se expandir a outros territórios. Na América Latina, as práticas e as produções pós-pornográficas têm proliferado em vários países da região graças a múltiplos eventos culturais, produções performáticas e audiovisuais, oficinas, jornadas de discussão, exibição de vídeos, etc. Neste aspecto, é interessante notar como estas práticas e produções se encarnaram de formas diferentes em corpos atravessados por histórias, violências e tramas culturais específicas (Antivilo Peña, 2015; Castillo, 2014; Costa, Nogueira, 2014; Egaña Rojas, 2015; Osornio Panini, 2017; Romero, 2018; Sarmet, 2014).

De modo particular e situado, os ativismos sexo-dissidentes da Argentina atentaram a essas experiências internacionais e geraram sua própria intervenção pós-pornográfica. Durante o período 2010-2015, nas cidades de Buenos Aires, La Plata,

Córdoba, Mendoza e Neuquén ocorreram diferentes eventos culturais - como festivais, mostras, projeções de vídeo e oficinas - dedicados ao pós-pornô. E gerou-se uma produção muito ativa de vídeos, performances e intervenções, no espaço público, para visibilizar questões vinculadas à livre expressão dos gêneros e à experimentação sexual fora da heterossexualidade. Proliferaram, também, propostas pedagógicas, como as oficinas, cujo objetivo era compartilhar saberes sobre as corporalidades, a autogestão do prazer e as práticas sexuais fora da heterossexualidade, em um âmbito de confiança. Todas estas atividades e iniciativas começaram a dialogar entre si a partir de intercâmbios de obras e de produções coletivas, instituindo cenas culturais próprias. Mantendo assim trânsitos, intercâmbios e contaminações com outras cenas culturais semelhantes, que estavam sendo produzidas em diferentes cidades da América Latina, e estando em plena interlocução com a produção pioneira da Espanha. Nesse sentido, o pós-pornô não apenas engendrou outras discursividades a respeito da sexualidade e dos gêneros, mas também promoveu formas de trabalho, articulações e alianças, modalidades de ação, deslocamentos estéticos, coletivizações criativas, experimentações, intimidades, afetos, espaços próprios e vínculos (Milano, 2017, 2018, 2020).

O recorte pornô-midiático do pós-pornô

Se entendemos a comunicação midiática como um dos muitos cenários em que se colocam em disputa os significados a respeito do social, é fundamental considerar a ação pós-pornô aqui abordada desde uma perspectiva mais analítica. A repercussão da performance nos meios de comunicação foi muito variada e abriu interessantes discussões oriundas de diferentes vozes. Mas no que diz respeito à construção da notícia pela mídia, a performance pós-pornô foi narrada como um escândalo. Leitura midiática que encontrou sua justificativa no fato de que a performance incluía sexo explícito em um espaço público, afirmação que foi reforçada por um recorte visual concreto.

Vamos reconstruir, brevemente, o que aconteceu. A performance coletiva foi realizada nos corredores do térreo da Faculdade de Ciências Sociais da UBA,¹⁰ onde foram montadas quatro cenas simultâneas, nas quais aconteciam práticas sexuais não convencionais: *bondage*¹¹ a uma televisão; sussurros eróticos no elevador; jogos de *pony play*¹² e a amplificação de sons intra-vaginais por meio de um microfone conectado a caixas de som (Figura 1). Para a realização dessa última cena, uma das *performers* deitou-se sobre a mesa de um grupo político estudantil e outra lhe introduziu um microfone na vagina a fim de amplificar os sons do corpo por meio das caixas de som dispostas no corredor, onde a ação era realizada. De todas as cenas desenroladas ali, apenas a fotografia dessa última viralizou nas redes sociais e capturou a atenção dos meios de comunicação.

Figuras 1: Imagens da performance realizada em julho de 2015 na Faculdade de Ciências Sociais da UBA.



¹⁰ A atividade fez parte da "Quarta-feira de prazer", ciclo cultural desenvolvido pela Área de Comunicação, Gêneros e Sexualidades do curso de Ciências da Comunicação da UBA desde 2012. Nessa ocasião, aproveitando a visita do coletivo espanhol PostOp, artistas e ativistas da cena local fomos convocadas/os a organizar uma jornada pós-pornô.

¹¹ Prática sexual em que se disfruta de imobilizar ou de ser imobilizado durante o encontro para aumentar o prazer.

¹² Jogo sexual em que pelo menos uma das pessoas participantes faz o papel de um animal não humano.



Fonte: Registros e acervo pessoal da autora

Como afirma Roland Barthes (1990), além de seu referente denotado, a fotografia é carregada de uma mensagem conotativa que permite sua significação. Isso explica como uma imagem se torna inteligível e de que maneira operam os esquemas de inteligibilidade guiados pelas significações hegemônicas no cerne de uma determinada sociedade. No entanto, a mensagem conotada não é simplesmente um efeito que surge na recepção da imagem por si só, ela é reforçada pela edição que é feita da fotografia, o que no caso dos jornais inclui a posição que ocupa na capa, a descrição que a acompanha e os objetos presentes no enquadramento. Esses procedimentos de conotação, que implicam a codificação do análogo fotográfico, são os que reforçam a significação da imagem, sempre sob a salvaguarda de signos comuns (embora em disputa permanente).

Essas considerações permitem compreender que as poucas imagens que circularam nos meios de comunicação e nas redes sociais virtuais foram lidas a partir de uma matriz de inteligibilidade do sexual, vinculada à cisheteronormatividade e ao coitocentrismo. A imagem de uma pessoa deitada sobre uma mesa com as pernas abertas só poderia ser interpretada pela imprensa como uma penetração realizada com um brinquedo sexual, que simulava ser um pênis. Porque, como dita grande parte das imagens sexuais heteronormativas, não há sexo sem pênis. A insistência da mídia em

mostrar essa imagem repetidamente dialoga com o imaginário que também é reforçado na pornografia, que repete incasavelmente a cena da penetração. Neste sentido, o interessante é que apesar das operações realizadas pelas *performers* para produzir outros significados em torno ao sexual, a leitura que se fez da ação a partir de uma imagem realocou sua significação em um sistema de códigos visuais e sexuais já instalados. O imaginário sexual da pornografia foi evocado para tornar inteligível uma experiência sexual dissidente, mas facilmente re-enquadrável a partir da imagem. Ou seja, foi feita uma leitura pornô de uma ação pós-pornô.

A composição visual de uma notícia em um jornal também permite identificar procedimentos conotativos a partir da relação entre a fotografia e o texto que a acompanha. Algumas das notícias publicadas na imprensa argentina sobre a performance pós-pornô mostram como a relação imagem/texto reforça a mensagem conotativa já inscrita na fotografia. Mais do que um mero acompanhamento explicativo ou uma redução do texto à imagem, o que se observa é que o texto intensifica a imagem. Manchetes como "Escândalo pornô na UBA" (Crónica, 02/07/2015, p. 1), "Festival pornô em nome da arte" (MUY, 02/07/2015, p. 12), "Polêmica por um show sadomasoquista na UBA" (Infobae, 01/07/2015, web), "a sadoeducação" (Noticias, 04/07/2015, p. 90) ou "Escândalo por uma performance pornô em uma faculdade da UBA" (Clarín, 01/07/2015, web), reiteram as conotações que associam essas fotografias a imagens sexuais explícitas. Essa operação ocorre porque a leitura de imagens está inserida em um horizonte de significações comuns, em uma matriz sociocultural específica.

Nas palavras de Barthes (1990), "o texto torna a imagem mais pesada, impõe-lhe uma cultura, uma moral, uma imaginação" (p. 20). Para o autor, o texto não apenas pode ampliar as conotações incluídas na fotografia, como pode também produzir um significado inteiramente novo, que acaba sendo projetado sobre a imagem de forma reativa, a ponto de parecer denotado por ela. Essa operação é observada no uso da palavra "escândalo" que acompanha as fotografias da imprensa (Figura 2). Como se vê,

essa nomeação tem a finalidade de construir um fato noticioso (Martini, 2000) e tem efeitos concretos sobre a leitura das imagens.

Figura 2: Notícia "Escândalo Pornô na UBA"



Fonte: MUY, 2 de julho de 2025, capa.

Exibição obscena, crime e apelo à ordem

O tratamento da imprensa em relação às acusações criminais e penais referentes ao crime de exposições obscenas¹³ colaborou para que a narrativa tivesse um componente regulador ou de um chamado à ordem. E ao mesmo tempo em que a criação da notícia sobre o *show pornô* circulava à velocidade da luz, a pergunta sobre quem o havia organizado ganhava o tom de uma caça às bruxas do século XXI.

Nas notícias publicadas pelos grandes meios de comunicação foram incluídas informações sobre quem eram as/os protagonistas institucionais e não institucionais por trás do evento pós-pornô. A elaboração dos perfis das *performers* e das organizadoras ganhou formas de um retrato falado policial, que buscava identificar "os rostos por trás do escândalo" (Clarín, 03/07/2015, p. 41). Enquanto isso, a compreensão judicializada

¹³ Nota das tradutoras: O crime de exposições obscenas faz parte do conjunto de delitos contra a integridade sexual elencados pelo Código Penal argentino (Art. 129).

da performance era sustentada discursivamente por meio da menção das *performers* como responsáveis, da especulação sobre as sanções universitárias que poderiam recair sobre elas, das autorizações institucionais que permitiram o ato em espaços públicos e dos supostos crimes cometidos, aspectos que colaboraram para a elaboração da notícia como um crime (Figura 3).

"O pós-pornô foi investigado pela Justiça" (La prensa, 04/07/2015, p. 19) pelo crime de "exibições obscenas" (Diario Popular, 04/07/2015, p. 11) e avaliou-se se as *performers* eram "passíveis de uma condenação" (La prensa, 04/07/2015, p. 19); enquanto foram "intimidadas a declarar os encarregados do Centro de Estudantes" (Perfil, 04/07/2015, p. 46) e "foi ordenado ao Reitor da faculdade que entregasse o material audiovisual e publicitário" (Clarín, 04/07/2015, p. 73). Em relação às sanções dentro da Universidade, afirmava-se: "a UBA irá sancionar os responsáveis pelo show pornô na Faculdade de Ciências Sociais" (Crónica, 02/07/2015, p. 11), enquanto outros meios de comunicação asseguravam: "a reitoria da UBA se desvinculou da mostra pornográfica" (La Nación, 03/07/2015, p. 22) e "A Faculdade de Ciências Sociais não se responsabiliza" (MUY, 03/07/2015, p. 3).

Figura 3: Notícia "O show pornô chegou à justiça: investigam se houve crime"



Fonte: Clarín, 04 de julho de 2015, p.73.

A estreita ligação entre o discurso midiático e o jurídico, e seus fluidos canais de informação são a chave para compreender a interpretação judicializada de uma atuação performática no espaço universitário. A identificação das/os responsáveis, seus antecedentes, os crimes supostamente cometidos e as sanções merecidas fizeram parte do relato judicializado da ação performática e de sua distorção moralista. Nesse sentido, a insistência por uma sanção (judicial ou acadêmica) atuou como um chamado à ordem frente à insurreição sexual desencadeada pela performance. Esse apelo foi retroalimentado por centenas de comentários de leitoras/es nos portais e nos fóruns de estudantes da faculdade que pediam sanções para as pessoas implicadas na organização da jornada pós-pornô.

"Alguém quer pensar nas crianças, por favor"¹⁴

Condenação e pânico moral/sexual

A repercussão midiática da performance na universidade e certos argumentos que foram utilizados para condená-la nos permitem refletir sobre como foi ativado o pânico moral em relação à sexualidade e à sua expressividade na esfera pública. Um dos argumentos mais recorrentes em fóruns e em artigos de opinião para repudiar e criminalizar a proposta foi que a ação pós-pornô foi vista por crianças que circulavam pela Faculdade.¹⁵ Algumas pessoas participantes dos fóruns e jornalistas se perguntavam: por que fazer essa performance à vista de todas/os? Por que não escolheram realizá-la em um espaço fechado, onde apenas entrasse quem quisesse ver? Não pensaram que poderia haver menores de idade presentes ali?

¹⁴ O título desta seção faz referência a uma frase tirada da série animada *Os Simpsons*, na qual a esposa do Reverendo Alegria, em lágrimas, exclama: "alguém quer pensar nas crianças, por favor", como uma espécie de apelo à ordem e ao decoro. Essa frase tem sido usada em uma infinidade de memes, inclusive em relação à performance aqui analisada.

¹⁵ Em uma das denúncias foi mencionada a presença de pelo menos um/a menor de idade, filha/o de um/a integrante da comunidade acadêmica.

O despertar do pânico moral nunca acontece a partir de uma mentira total, mas sim, desde uma pseudo-verdade. A menção da presença de uma criança basta para que o argumento da salvaguarda moral da Universidade, em seu todo, seja posto em dúvida. A ideologia do pânico moral funciona, portanto, reforçando uma direção interpretativa em detrimento de outras. Ou seja, ninguém se pergunta a respeito do que estaria fazendo um/a menor de idade na faculdade, mas se destaca a ausência de proteções éticas e morais, caso lá estivesse. Dessa forma, reforça-se a criação da imagem de que haveria pessoas na audiência que seriam particularmente suscetíveis aos efeitos nocivos da performance. É nesse ponto que o chamado à ordem se desvela como o outro lado do pânico sexual/moral: apelar para a possível presença de crianças como um bode expiatório da moralidade ameaçada e sancionar as pessoas que trazem a sexualidade para o âmbito público. Enquanto isso, na lógica do pânico moral, a sexualização do espaço público torna-se um fato repudiável. Mas será que a exposição constante da sexualidade no discurso da publicidade e dos meios de comunicação gera o mesmo repúdio? É evidente que não.

De acordo com esse argumento, as sexualidades que são notícia e que geram pânico são aquelas que escapam da heterossexualidade e põem em xeque sua hierarquia. A este respeito, é interessante retomar o sistema de valores sexuais proposto por Gayle Rubin ([1984] 1989) para entender como se traça uma linha divisória entre o sexo bom e o mau. Esse sistema marca os limites de um círculo mágico, dentro do qual se encontrariam as formas da sexualidade boa e saudável, e suas margens exteriores, a partir das quais se encontrariam as formas da sexualidade má e estapafúrdia. Em seu interior estaria a sexualidade hétero, procriadora, privada, em casal, suave, sem fetiches e não pornográfica; enquanto no lado de fora estaria a sexualidade homo, promíscua, não procriadora, grupal, pública, fetichista, sadomasoquista e pornográfica.

Dessa maneira, a representação que certos meios de comunicação fizeram da performance reproduziu essas hierarquias e rotulou a ação de estapafúrdia e de escandalosa porque ali apareciam o pornográfico, a intervenção do espaço público, as

práticas sexuais sadomasoquistas e o travestismo. Tal como argumenta Rubin ([1984] 1989), a escória sexual é identificada como o que está fora de lugar, reforçando assim o que constitui a norma. A realização da performance em uma universidade evidenciou a inquietação e o desconforto que geram certas formas de sexualidade quando ocupam o espaço público ou vão além dos lugares pré-estabelecidos. As pessoas que foram repreendidas incorporam essas sexualidades aberrantes (Sabsay, 2011) que escandalizam, que não são aceitáveis e que devem ser escondidas porque ameaçam a moralidade do coletivo social.

Arte?

Outro debate suscitado pela performance pós-pornô analisada diz respeito ao seu caráter artístico (ou não) e à liberdade de expressão (ou não) que as/os artistas têm para polemizar publicamente a respeito da sexualidade desde uma proposta estética. Enquanto algumas artigos e editoriais descreveram a ação como "pornografia na faculdade" (La Nación, 04/07/2015, p. 34) ou como um "Festival pornô em nome da arte" (MUY, 02/07/2015, p. 12), outros tentavam colocar panos quentes para explicar que o pós-pornô "implica um agenciamento da prática de representação por parte daquelas pessoas que eram representadas pela indústria" (Página/12, 10/07/2015, p. 13). Nessa disputa discursiva sobre o que é o pós-pornô e se se enquadra (ou não) dentro das práticas artísticas, surgiram diversas posições que complexificaram a leitura midiática do caso. Durante aqueles dias de julho de 2015, foram atualizados alguns debates específicos do campo artístico referentes a: o que é arte, quais são os limites das expressões artísticas, o que é reconhecido como vanguarda e se faz sentido continuar falando sobre isso no século XXI, o que é belo e o que é repulsivo, onde o evento artístico deveria acontecer, que espaços deve habitar e quais não, o que é fazer política a partir da arte, etc.

Após sua midiaticização e sua viralização, as práticas pós-pornô abriram um amplo debate sobre as manifestações artístico-políticas e o seu impacto na dimensão simbólica, obrigando jornalistas, pesquisadoras/es, docentes da UBA, estudantes, ativistas LGTTTBIQ+, especialistas em gênero, artistas, diretora/es e atrizes/atores pornôs a refletir sobre as intersecções entre arte, sexualidade e ativismo. Desde diferentes posicionamentos (de acordo com interesses e atuações em campos específicos), vozes da academia, do campo artístico e do ativismo se manifestaram para explicar o pós-pornô a partir de um discurso mais erudito, contextualizado e analítico. Por outro lado, o caráter artístico da performance foi invalidado pelo discurso de pessoas que defendem a representatividade da indústria pornográfica local, seja por sua trajetória (como é o caso de Victor Maytland) ou por sua próspera carreira atual (como é o caso de César Jones).¹⁶ Enquanto Maytland afirmou que o pós-pornô é "uma expressão individual de alguma pessoa delirante que só porque fica nua acredita que está fazendo arte" (Clarín, 03/07/2015, p. 41) ou uma "rebelião idiota, infantil, sem riscos" (Tiempo Argentino, 10/07/2015, p. 32); Jones chamou o pós-pornô de hackeo pueril, ao dizer que "o que parecem hackear, na realidade, é a dinâmica obsoleta das vanguardas do começo do século passado" (Tiempo Argentino, 10/07/2015, p. 32).

Nesses discursos aparece uma crítica às práticas pós-pornográficas e à sua artísticidade por pretensiosa, obsoleta, disruptiva, teórica. O curioso é que a contestação não veio do campo artístico, mas sim da indústria pornográfica local. São as referências atuais do nosso pornô (Cusak, Pasik, 2014) que demarcam um nós/elas(es), no qual o "nosso pornô" é a maneira correta de fazer pornografia enquanto o "pós-pornô delas/es" é percebido como a maneira incorreta, desrespeitosa e vergonhosa, que não seria nem pornografia nem arte.

¹⁶ Víctor Maytland é um renomado diretor de pornografia argentino, com uma ampla trajetória na indústria. César Jones é um jovem diretor de conteúdo erótico que renovou o cenário da pornografia local.

Sobre a mesa: universidade e sexualidade

A divulgação da jornada pós-pornô nas redes sociais foi acompanhada do seguinte texto: "o pós-pornô chega à Faculdade de Ciências Sociais, passeia por seus corredores e vai sexualizando tudo ao seu redor. Uma proposta para ampliar o imaginário pornográfico e experimentar outras formas sexualizadas de habitar o espaço universitário" ("Quarta-Feira de prazer", grupo do Facebook). Uma ação como essa performance pós-pornô coloca a sexualidade no cerne da instituição acadêmica e desencadeia questionamentos, desconfortos, posicionamentos, cumplicidades e tensões que põem em evidência a organização sexo-política que regula o espaço universitário. Pode-se dizer que através dessa ação foi atualizada a relação entre universidade e sexualidade, possibilitando novos significados e contestando os já estabelecidos.

Uma performance que acontece em uma universidade pública convida a refletir a partir do corpo, a colocá-lo no centro de um espaço que constantemente o exclui. Nesse lugar que prima pela reflexão teórica, pela elaboração crítica e pela perícia profissional, o corpo performático surpreende como uma materialidade incontornável que interpela aos outros corpos ali presentes e que evidencia as normas que organizam o espaço, o tempo e a gestão das corporalidades. Tal como descreve Rafael Blanco (2014), várias foram as iniciativas realizadas por artistas, docentes e estudantes para demonstrar que há uma relação estreita entre universidade e sexualidade. Nos anais da Faculdade de Ciências Sociais podemos encontrar não apenas esta performance pós-pornô, mas também a instalação "Revolução dos banheiros",¹⁷ uma intervenção artística que eliminou as categorias de sexo/gênero dos sanitários utilizados pelo corpo estudantil que frequentava a sede de Marcelo T. de Alvear (Aguilar e outros, 2009).

¹⁷ A "Revolução dos Banheiros" da Faculdade de Ciências Sociais/UBA foi uma intervenção artística realizada em 2009 por professores e estudantes de Sociologia juntamente com artistas. O propósito da ação era "apagar os efeitos da binariedade imposta, ao mesmo tempo que a visibilizava provocativamente, transformando os banheiros em espaços de uma universalidade que pretendia incluir todos os corpos e todos os gêneros" (Aguilar et al., 2009).

Em ambas as ocasiões, as ações e/ou intervenções suscitaram grandes polêmicas em torno à naturalização das relações sociais e às tensões entre o público, o privado e o íntimo na vida universitária. Conforme as colocações de Blanco (2014), poderíamos dizer que a vida universitária é atravessada por regulações cotidianas das expressões e das identidades de gênero, que não são visíveis e que evidenciam o alcance da esfera pública na Universidade. Identidades que são ocultadas, corpos que não habitam os recintos, expressões de gênero que são neutralizadas, lutas que são invisibilizadas, regulações que validam determinados usos dos espaços em relação a gêneros e sexualidades. Tudo isso faz parte da forma como os corpos sexuados habitam (ou não) o espaço universitário. Nesse sentido, ações como a performance pós-pornô podem redefinir essas regulações, expandindo, assim, os alcances do âmbito público.

Além disso, a enxurrada de contestações que a gestão da Faculdade recebeu tinha uma aura de estigmatização meta-pós-pornô sobre a qual era preciso se posicionar. Alguns/mas acadêmicos/as saíram publicamente em defesa da performance como forma de defender a universidade pública, a autonomia universitária, a liberdade de expressão de cátedra, o vínculo entre o ativismo e a pesquisa, e a legitimidade dos estudos de gênero e sexualidades (Blanco, 2015; Campagnoli, Gutiérrez, 2015; Giorgi, 2015; Meccia, 2015; Pecheny, 2015; Semán, 2015). Ao contrário do sensacionalismo produzido pelos canais de notícias, essas vozes procuraram explicar o pós-pornô desde outro prisma, a partir da reflexão, da contextualização e da crítica (Figura 4). Durante os dias em que o pós-pornô esteve na pauta das mídias hegemônicas, as/os acadêmicas/os atuaram como as vozes legítimas para explicar não apenas o que era o pós-pornô, mas também a razão para a Universidade promover essas manifestações artísticas dentro de suas instalações e por que essas experiências sexo-dissidentes são ações simbólicas que tensionam a estrutura social ou permitem redefinir o âmbito público da universidade pública, bem como a forma como essas questões em torno à intimidade e ao público são problematizadas dentro dos estudos de gênero, e o quão importante era ler essa ação levando em consideração o contexto cultural/social do momento, uma vez que apenas

um mês antes havia acontecido a primeira manifestação de Nem Uma a Menos,¹⁸ etc. As declarações, opiniões, comentários, postagens, ensaios, notas e comunicados produzidos por acadêmicas/os da UBA tiveram como objetivo não somente responder pela ação performática e sua razão de ser dentro da Universidade, mas também defender as decisões, estratégias, metodologias, temáticas e alianças que tornam possível a pesquisa social na área de gêneros e sexualidades. Como afirma Silvia Elizalde (2017, p.2), a respeito dos questionamentos que se fazem às pesquisas acadêmicas em torno a gênero e sexualidade, "quando o objetivo é criar um clima de instabilidade, descrédito e banalização maliciosa, fica evidente que os motivos por trás dessa estratégia são mais complexos do que a mera constatação da ignorância alheia".

Figura 4: Notícia: "Estamos no pós-pornô".



Fonte: Caderno SOU. Página 12, 10 de julho de 2015, capa.

¹⁸ Em junho de 2015, o feminicídio de Chiara Paez, de 14 anos, chocou a opinião pública na Argentina. No dia 3 daquele mês, uma multidão de pessoas se reuniu na Praça dos dois Congressos para dizer basta à violência machista e aos feminicídios por meio de um slogan/hashtag tão simples quanto contundente: #NiUnaMenos. A partir desse ano, a cada 3J (3 de junho) é reivindicada a luta contra a violência machista.

Memes: humor, política e sexo na universidade

Como desdobramento do alarde midiático e do debate de ideias promovido por acadêmicas/os, gerou-se nas redes sociais virtuais uma intensa produção e circulação de memes inspirados na performance. Se as poucas imagens que viralizaram tanto nas redes sociais quanto nos grandes meios de comunicação contribuíram para uma narrativa sensacionalista sobre a proposta pós-pornô, é possível que os memes que circularam no Facebook e no Twitter tenham expandido o significado da ação performática e mobilizado o debate em outra direção.

Com um tom humorístico, os memes proporcionaram um espaço discursivo para falar sobre sexualidade, universidade e política, que ultrapassava o evento em si. A referência à performance funcionou como um ponto de partida para que muitas pessoas, em especial estudantes universitárias/os, pudessem opinar sobre temas tão diversos como: a política universitária, a sexualidade em espaço público, os conteúdos curriculares das disciplinas, o estilo pedagógico de certas/os professoras/es da Faculdade, os estereótipos em torno às pessoas que estão neste ou naquele curso e outros tópicos que conformam o universo simbólico de uma comunidade acadêmica. Se nos referirmos especificamente aos memes que circularam dentro dos grupos de estudantes e de graduadas/os da Faculdade de Ciências Sociais nas redes sociais, é evidente que opinavam muito mais sobre a vida universitária do que sobre pós-pornografia.

No dia seguinte à performance, foi criado no Facebook o grupo "A mesinha do PO". O nome homenageia a mesa em que ocorreu uma das cenas da performance pós-pornô, justamente aquela em que foi realizada a intervenção de sons intra-vaginais. A viralização da imagem da mesa do Partido Operário (PO) utilizada pelas *performers* foi tal que, rapidamente, se converteu em tema para memes, ou seja, foi integrado ao repertório visual contemporâneo utilizado na produção de memes para as redes. Mas, além disso, a mesinha tornou-se famosa porque um dos estudantes que militava no

partido apareceu nos meios de comunicação declarando sua indignação em relação ao uso que as *performers* haviam feito dela. O fato da imagem apresentar sexo explícito sendo realizado sobre a mesa de um dos partidos de esquerda de maior tradição dentro do movimento político universitário da faculdade fez com que a comunidade estudantil, reunida nas redes sociais virtuais, assumisse a mesinha como mais uma protagonista do acontecimento.

No grupo "A mesinha do PO" circularam grande parte dos memes produzidos em torno da performance; em especial, aqueles que buscavam opinar sobre a vida universitária na UBA. Memes com referências a autores clássicos das ciências sociais, imagens que articulavam o pós-pornô com a tríade semiótica de Peirce (Figura 5), montagens com a mesinha e as personagens do espetáculo viralizaram tanto quanto outras que usaram o pós-pornô para zombar do Partido Operário, da política nacional e da militância estudantil. A trama simbólica que tece a vida universitária dentro da faculdade foi posta em evidência por meio da produção de memes em torno aos saberes das ciências sociais, da política universitária e dos consumos culturais. As menções a certos representantes da política foram cruzadas com personagens da cultura popular, com letras de cumbia (Figura 6), bem como com referências a *Os Simpsons* (Figura 7) e a *50 Tons de Cinza*, entre outras.

Figura 5: Meme que relaciona o pós-pornô com a tríade semiótica de Peirce, publicado no grupo do Facebook "A mesinha do PO"



Fonte: captura de tela, Grupo "A mesinha do PO" no Facebook

Figura 6: O primeiro meme relaciona o pós-pornô com letras de canções de cumbia, o segundo faz referência à série televisiva *Os Simpsons*.



Fonte: capturas de tela, Grupo "A mesinha do PO" no Facebook

Mas ainda mais interessante é o que os memes conseguiram expressar a respeito da dimensão sexual da vida universitária que está invisibilizada ou relegada ao âmbito da intimidade e do privado (Blanco, 2014). Nesse contexto, os memes sobre

BDSM¹⁹ – estudantes que faltam quando há sexo na aula – e provas práticas de pornô na universidade, assim como as montagens de imagens simulando penetrações entre Marx e Engels, podem ser lidos não apenas como zombarias em relação à ação pós-pornô, mas também como fabulações sobre outros espaços universitários, nos quais a sexualidade não seja vivida desde a vergonha, a discrição e a autocensura.

Palavras finais

Com base na repercussão midiática e nas ressonâncias dentro e fora da comunidade acadêmica, pode-se dizer que a verdadeira obscenidade da performance pós-pornô na Faculdade de Ciências Sociais foi intervir. E é a partir dessa intervenção que se percebe como são delimitados os espaços materiais e discursivos, nos quais se considera que a exibição de determinados corpos e atos têm efeitos desejados ou nocivos. Sem tê-lo planejado intencionalmente, o pós-pornô e sua proposta sexo-dissidente acabou chegando não apenas na mesinha, mas também nas conversas e nos fóruns estudantis, na capa dos jornais, nas declarações incômodadas das/os funcionárias/os, nos estágios realizados pelas/os estudantes, nos debates a respeito da arte e no jantar familiar em frente à televisão. Em outras palavras, é possível dizer que a performance conseguiu que a delimitação fosse alterada.

Por um lado, analisou-se a forma como foi construída uma leitura midiática da performance como um evento pornográfico e obsceno. A construção da notícia a respeito do *show pornô* resultou em um recorte descontextualizado, carregado de intencionalidade moralista e doutrinadora, que colaborou mais para a desinformação do que para a explicação da proposta. Todas as notícias compiladas sobre o caso ressaltam que a performance foi escandalosa, inoportuna e nociva para as crianças que a puderam ver. E se reforçava seu caráter obsceno, enfatizando o possível crime cometido e as

¹⁹ Universo de práticas sexuais que congregam *Bondage* (amarrações), Dominação, Submissão e Masoquismo. Essa denominação também faz referência às práticas S/M (Sadomasoquistas).

sanções acadêmicas e penais correspondentes. Nada foi dito na imprensa sobre os debates posteriores à ação, nos quais se discutiu a respeito de sexualidades, dissidências, corporalidades, desejos, práticas sexuais normativas, diversidade funcional, espaço público, corpo na universidade, conhecimento, aprendizagem e agenciamento, alianças transfeministas, meios de comunicação, cultura de massa e pornografia, gêneros, entre outros temas. A esse respeito, é interessante notar que quando se realizou outra performance pós-pornô na Universidade Nacional de Villa María, em 2018, os meios de comunicação locais apelaram novamente ao caráter obsceno da ação, nesse caso com o pronunciamento de reprovação das autoridades da instituição (Gall, 03/06/2018). Tanto em um caso quanto no outro, as operações realizadas por alguns meios de comunicação para elaborar a notícia agiram como reforço a uma moral ameaçada frente às sexualidades aberrantes (Sabsay, 2011), que tomaram conta dos espaços universitários. É sabido que os meios de comunicação não constroem imaginários e representações do nada, mas reforçam aquilo que já existe. Ou seja, eles não atuam como guardiões morais e/ou criadores de hegemonia de forma arbitrária ou isolada, ao invés disso, sua atuação deve ser pensada como um campo de batalha pela atribuição e apropriação de significados, no qual não há garantias de unanimidade.

Por outro lado, problematizou-se as tensões simbólicas articuladas em torno à performance pós-pornô e à sua forma de intervir sexualmente no espaço público universitário. Curiosamente, as/os acadêmicas/os e personalidades da indústria pornográfica local que opinaram sobre o tema, desde olhares e posições bem distintas, colocaram no centro da discussão o caráter artístico (ou não) do pós-pornô. Mesmo em suas diferenças, essa perspectiva voltou a atualizar certas discussões em relação à arte, à exibição de certos corpos e a práticas no âmbito público, as interseções com o político, etc.

Por fim, a análise demonstra como a performance pós-pornô colocou sobre a discussão acerca da sexualidade e da universidade dentro da comunidade acadêmica. A participação das/os acadêmicas/os no debate público não apenas buscou dissipar a

ignorância generalizada sobre práticas culturais como o pós-pornô, como também visou responder a outro nível de questionamentos que recaem sobre a universidade pública, em geral, e sobre os estudos de gênero/sexualidades, em particular. O correlato disso foi a produção de memes: as/os estudantes se jogaram a produzir e a disseminar memes sobre a performance, abrindo um espaço simbólico para atualizar, por meio do humor, os significados acomodados em torno aos vínculos entre sexualidade, política e universidade.

Referências

ANTIVILO PEÑA, J. **Entre lo sagrado y lo profano se tejen rebeldías. Arte feminista latinoamericano.** Desde Abajo, 2015.

AGUILAR, P., BACCI, C., FERNÁNDEZ CORDERO, L., INSAUSTI, J., PELLER, M.; OBERTI, A. "La sociología en el tocador: apuntes sobre una intervención estético-política". **Ciencias Sociales**, N. 74, Buenos Aires, 2009. Disponível em: <https://sociologiacontraataca.blogspot.com/2010/02/la-sociologia-en-el-tocador.html> Acesso em: 04 fev. 2024

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso. Imágenes; ensaios críticos III.** Tradução Léa Novas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BLANCO, R. **Universidad íntima y sexualidades públicas. La gestión de la identidad en la experiencia estudiantil.** Buenos Aires: Miño y Dávila, 2014.

BLANCO, R. "Academia, libido y vergüenza". **Anfibia**, Buenos Aires, 2015. Disponível em: <http://revistaanfibia.com/ensayo/academia-libido-y-vergüenza> Acesso em 14 fev. 2024

CAMPAGNOLI, M. y GUTIÉRREZ, M. A. "Diálogo en suspenso". **Página/12**. Buenos Aires, 2015. Suplemento las 12, p. 4,

CASTILLO, A. **Ars disyecta. Figuras para una corpo-política.** Santiago do Chile: Palinodia, 2014.

COSTA, P. y NOGUEIRA, F. "De la Pornochanchada al Post-PornoTerrorismo en Brasil: de las Cangaceiras Eróticas al Colectivo Coyote". **Revista Rosa**, 2014. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5/da-pornochanchada-ao-pos-porno->

[terrorismo-no-brasil-das-cangaceiras-eroticas-ao-coletivo-coiote-f0f4ab92836](https://doi.org/10.1177/2595320623117270) Acesso em 12 fev. 2024.

CUSAK, A. y PASIK, D. **Porno nuestro. Crónicas de sexo y cine.** Buenos Aires: Marea, 2014.

EGAÑA ROJAS, L. "Una categoría imposible: el postporno ha muerto, Latinoamérica no existe". **Errata**, p. 12, 2015. Disponible em: <https://revistaerrata.gov.co/contenido/una-categoria-imposible-el-postporno-ha-muerto-latinoamerica-no-existe1> Acesso em: 19 jan. 2024.

EGAÑA ROJAS, L. **Atrincheradas en la carne. Lecturas en torno a las prácticas postpornográficas.** Barcelona: Bellaterra, 2017.

ELIZALDE, S. "Misoginia y sexismo en el ataque a las ciencias sociales". **Épocas. Revista de Ciencias Sociales y Crítica Cultural**, N° 4, Buenos Aires, 2017. Disponible em: https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/76215/CONICET_Digital_Nro.6fc182ee-0796-4a16-99da-9f0daa55d1b2_A.pdf Acesso em: 28 fev. 2024

FLORES, V. **Interrupciones. Ensayos de poética activista: escritura, política, pedagogía.** Neuquén: La Mondonga Dark, 2013.

GALL, N. "El posporno va a la universidad pública". **El cohete en la luna**, Buenos Aires, 2018. Disponible em: <https://www.elcohetelaluna.com/el-posporno-va-a-la-universidad-publica> Acesso em: 14 fev. 2024

GIORGI, G. Locos por el Porno. **Página/12**, Buenos Aires, 2015. Suplemento SOY, p. 3

MARTINI, S. **Periodismo, noticia y noticiabilidad.** Bogotá: Norma, 2000.

MILANO, L. En el culo del mundo: festivales, autogestión y sexualidad en la pospornografía producida en Argentina. **Kamchatka. Revista de análisis cultural**, p.9, 2017. Disponible em: <https://ojs.uv.es/index.php/kamchatka/article/view/10100> Acesso em 28 fev. 2024

MILANO, L. "Posporno: el pueblo quiere saber de qué se trata" [video]. **YouTube**. 2016. Disponible em: <https://youtu.be/q2iWyED16a8> Acesso em: 14 fev. 2024

MILANO, L. "Las porno-excusas que nos reúnen: prácticas autogestivas, curaduría torcida y experiencia feminista en los eventos culturales posporno". En: TESTA, S. (Comp.). **Cuerpxs en fuga: las prácticas de la insumisión.** Espacio Hudson. p, 119-135. 2018.

MILANO, L. Un porno propio: escena cultural, activismo y sexualidades en la pospornografía en Argentina (2011-2018) (**Tesis de Doctorado**). Universidad de Buenos Aires, Argentina, 2020. Disponible em: <http://repositorio.sociales.uba.ar/items/show/2195> Acceso em: 28 fev. 2024

MECCIA, E. "Aquí no podemos hacerlo". **Página/12**, Buenos Aires, 2015. Suplemento SOY, p. 7

OSORNIO PANINI, F. "Pornochakalismo". En: GIMÉNEZ GATTO, F.; DÍAZ ZEPEDA, A.(Coords.), **Pornologías**. Cidade do México: La Cifra Editorial, 2017.

PECHENY, M. "Dinosaurios vivos". **Página/12**, Buenos Aires, 2015. Suplemento SOY, p. 6

PRECIADO, P. B. **Testo yonki**. Madri: Espasa Calpe, 2008.

ROMERO, A. Mi sexualidad es una manifestación política y artística. Ámbitos de la pospornografía en el México contemporáneo (**Tesis de Maestría**). El Colegio de México, Cidade do México, 2016. Disponible em: <https://hdl.handle.net/20.500.11986/COLMEX/10000080> Acceso em: 28 fev. 2024

RUBIN, G. "Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad". En: VANCE, C. (Comp.), **Placer y peligro. Explorando la sexualidad femenina**. Madrid: Talasa Ediciones, 1989.

SABSAY, L. **Fronteras sexuales: espacio urbano, cuerpos y ciudadanía**. Buenos Aires: Paidós, 2011.

SARMET, E. "Pós-pornô, dissidência sexual e a situação cuir latino- americana: pontos de partida para o debate". VI, N1, **Periódicus**, 2014. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i1.10175>

SEMÁN, P. "El posporno no es para que te excites". **Anfibia**, Buenos Aires, 2015. Disponible em: <http://revistaanfibia.com/ensayo/el-posporno-no-es-para-que-te-excites/> Acceso em: 19 fev. 2024

SENTAMANS, T. (2013). "Redes transfeministas y nuevas políticas de la representación sexual". En: SOLÁ, M; URKO, E. (Comps.), **Transfeminismos. Episteme, fricciones y flujos**. Madrid: Txalaparta, 2013.

SMIRAGLIA, R. "Sexualidades de(s)generadas: algunos apuntes sobre el posporno". En: MARTINELLI, L.(Comp.), **Fragmentos de lo queer: arte en América Latina e Iberoamérica**. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, 2016.

Referência - Matérias analisadas

POLÉMICA por un show sadomasoquista en la UBA. **Infobae**, 2015. Disponível em: <https://www.infobae.com/2015/07/01/1739029-polemica-un-show-sadomasoquista-l-a-uba/> Acesso em: 28 fev. 2024

ESCÁNDALO por una performance porno en una facultad de la UBA. **Clarín**, 2015. Disponível em: https://www.clarin.com/sociedad/escandalo-performance-porno-facultad-uba_0_Bytb0UFvQe.html Acesso em: 28 fev. 2024

ESCÁNDALO porno en la UBA. **Crónica**, Buenos Aires, 2 jul. 2015. p. 1

LA UBA sancionará a los responsables del show porno en Sociales. **Crónica**, Buenos Aires, 2 jul. 2015. p. 11

ESCÁNDALO porno en la UBA. **MUY**, Buenos Aires, 2 jul. 2015. Capa

FESTIVAL porno en nombre del arte. **MUY**, Buenos Aires, 2 jul. 2015. p. 12-23

SI ESO FUE ARTE no lo entendí. **Clarín**, Buenos Aires, 3 jul. 2015. p. 41

LAS CARAS detrás del escándalo. **Clarín**, Buenos Aires, 3 jul. 2015. p. 41

SOCIALES se disculpó por el show porno en la facultad. **Clarín**, Buenos Aires, 3 jul. 2015. p. 41

EN SOCIALES no se hacen cargo. **MUY**, Buenos Aires, 3 jul. 2015. p. 3

EL RECTORADO de la UBA se desligó de la muestra pornográfica. **La Nación**, Buenos Aires, 3 jul, 2015. p. 22

LA SADOEDUCACIÓN. **Noticias**, Buenos Aires, 4 jul. 2015. pp. 90-91

EL POSPORNO fue investigado por la Justicia. **La Prensa**, Buenos Aires, 4 jul. 2015. p. 19

EL SHOW PORNO llegó a la Justicia: investigan si hubo delito. **Clarín**, Buenos Aires, 4 jul. 2015. p. 73

INVESTIGAN posible delito por el posporno en Sociales. **Diario Popular**, Buenos Aires, 4 jul. 2015. p. 11

PORNOGRAFÍA en la universidad. **La Nación**, Buenos Aires, 4 jul. 2015. p. 34

"MOVILIZAMOS TABÚES", dice una de las performers del posporno en la UBA. **Perfil**, Buenos Aires, 4 jul. 2015. p. 46

PORNO contra posporno. **Tiempo Argentino**, Buenos Aires, 10 jul. 2015. pp. 32-33

POSPORNO y debate en Ciencias Sociales. **Página/12**, Buenos Aires, 10 jul. 2015. p. 13

ESTAMOS en el POS-horno. **Página/12**, Buenos Aires, 10 jul. 2015. Suplemento SOY, capa.

El show porno en la universidad:
Discursos y tensiones en torno a una performance posporno

Resumen: En 2015, una intervención performática posporno en la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires causó un revuelo mediático que hizo que, por unos días, estas prácticas artístico-políticas salieran del espacio del under transfeminista para ser tapa de los principales diarios. Este artículo analiza los modos en los que se construyó un acontecimiento mediático a partir de una lectura de la performance como un hecho pornográfico y lo obsceno, al tiempo que busca problematizar las tensiones simbólicas articuladas en torno a este hecho y a su forma de intervenir sexualmente el espacio público universitario.

Palabras clave: posporno; UBA; medios; sexualidades; performance

Recibido: 06/03/2024

Aceito: 25/03/2024